

Deus e a felicidade em Epicuro.

Carvalho, Adriano da Silva.

Cita:

Carvalho, Adriano da Silva (2019). *Deus e a felicidade em Epicuro*. *Vox Scripturae*, 27 (2), 275-290.

Dirección estable: <https://www.aacademica.org/adrianodasilvacarvalho/11>

ARK: <https://n2t.net/ark:/13683/pUKK/HDx>



Esta obra está bajo una licencia de Creative Commons.
Para ver una copia de esta licencia, visite
<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/deed.es>.

Acta Académica es un proyecto académico sin fines de lucro enmarcado en la iniciativa de acceso abierto. *Acta Académica* fue creado para facilitar a investigadores de todo el mundo el compartir su producción académica. Para crear un perfil gratuitamente o acceder a otros trabajos visite: <https://www.aacademica.org>.





DEUS E A FELICIDADE EM EPICURO¹

God and happiness in Epicurus

Adriano da Silva Carvalho²

RESUMO

Este artigo visa compreender o significado da frase: “θεοὶ μὲν γὰρ εἰσὶν” – “Certamente os deuses existem” no contexto da chamada carta sobre a felicidade de Epicuro. E, para este fim, questionará a relação desse enunciado com o programa da “vida abençoada” do filósofo de Samos. Epicuro estava apresentando sua declaração de fé: Θεοὶ εἰσὶν? Provavelmente não. Mas é verdade que ele usou linguagem teológica quando apresentou seu plano de felicidade. Por que ele faz isso? Esta é a pergunta que este artigo procurará responder.

Palavras-chave: Deus. Felicidade. Epicuro.

ABSTRACT

This article aims to understand the meaning of the phrase: “Θεοὶ μὲν γὰρ εἰσὶν” - “Surely the gods exist” in the context of the so-called letter about the happiness of Epicurus. And,

¹ Artigo recebido em 28 de março de 2019, e aprovado pelo Conselho Editorial em reunião realizada em 16 de agosto de 2019, com base nas avaliações dos pareceristas *ad hoc*.

² Adriano da Silva Carvalho é Mestre em Estudos Hermenêuticos – CPAJ/Universidade Mackenzie-SP. Professor do departamento de Línguas Clássicas e Vernáculas (Grego/Hebraico) no Instituto Brasileiro de Educação Integrada – IBEI/RJ e no Seminário Teológico Batista Fluminense – Campus Mageense - RJ. Escreveu os seguintes livros: A crítica e o texto do Novo Testamento (Editora Reflexão); Novo Testamento da Crítica da Forma à história do Cânon (Editora Reflexão); A interpretação nas teorias linguísticas e literárias (Editora Reflexão). Researcher ID: W-8148-2018. Orcid ID: 0000-0002-6399-3287. E-mail: adriano3656@gmail.com.

to this purpose, it will question the relationship of this enunciate with the program of the "Blessed life" of the philosopher of Samos. Epicuro was presenting his declaration of faith: Θεοὶ εἰσὶν? Probably not. But it is true that he used theological language when he presented his plan of happiness. Why did he do it? This is the question that this article will seek to answer.

Keywords: God. Happiness. Epicurus.

INTRODUÇÃO

Epicuro é reconhecidamente um filósofo materialista. No entanto ao escrever uma carta para um de seus discípulos (Meneceu), ele teve que se deter em uma discussão intrincada sobre os efeitos psicológicos de certas ideias religiosas como, por exemplo, culpa e condenação etc., na vida das pessoas. Através de referenciais teóricos, bem como o estudo e tradução do texto grego da chamada carta sobre a felicidade, buscar-se-á entender os motivos que levaram Epicuro a se deter brevemente em discussão sobre esses temas na apresentação de um programa em que declarava que a felicidade não dependia da vontade divina ou da obediência a qualquer mandamento religioso.

1 EPICURO

1.1 Nascimento

A. E. Taylor³ comentou que Metrodoro se referiu a Epicuro como um ateniense, filho de Neocles e Chaerestrata (Queréstrata) do município de Gargettus e da casa dos Philaidae. Mas, embora cidadão ateniense, ele não nasceu em Atenas⁴. Seu pai Neocles, sendo mal-provido em casa, viu-se obrigado a emigrar para a ilha de Samos junto com outros dois mil atenienses indigentes em um programa

³ TAYLOR, A. E. **Epicurus**. London: Constable & Company LTD, 1911, p. 7.

⁴ Nossa principal fonte de informação sobre o filósofo Epicuro é Diógenes Laécio em seu trabalho A vida dos filósofos, cf. TAYLOR, 1911, p. 6. Ver também: FARRINGTON, Benjamin. **The Faith of Epicurus**. New York: Basic Books, INC., Publishers, 1967, p.xii. Epicuro se tornou um cidadão ateniense por ter nascido em uma colônia de Atenas, ver: BERGSMAN, Ad. Happiness in the Garden of Epicurus. In: **Journal Happiness Studies**. Fev./2008, p. 399-400.

assistido pelo Estado⁵. Foi nessa ilha em 352 a.C., que Epicuro nasceu (onze anos depois que seus pais haviam chegado ali)⁶. Ele foi provavelmente o segundo em uma sequência de quatro irmãos⁷.

1.1.1 Educação

Alguns autores afirmam que Epicuro começou seu estudo da filosofia aos 14 anos com o platonista Pamphilus (Pânfilo)⁸. Mas ao completar dezoito anos esses estudos foram interrompidos pela obrigação de voltar a Atenas para cumprir dois anos de treinamento militar⁹. Após a morte de Alexandre e a expulsão dos atenienses por Pérdicas, Epicuro seguiu seu pai para a cidade de Cólofon. Nessa cidade ele estaria próximo de Teos, a casa na época do filósofo atomista Nausífanés¹⁰. Estudar a teoria atomista era crucial para Epicuro¹¹. Em Teos, como observou Farrington Benjamin¹², ele teria acesso aos textos dos atomistas e poderia ouvi-los expostos por um dos principais professores daquela escola. Farrington ainda comentou:

É verdade que ele brigou muito tempo com seu novo professor. Sua razão era interessante. Epicuro ficou encantado com a magnífica síntese de duzentos anos de especulação sobre a natureza das coisas que havia sido alcançada por Demócrito; mas ele não podia encontrar no atomismo uma base para a ética. Esse parece ter sido o sentimento de condenação de Nausífanés, a quem ele chamou de “um homem mau, hábil nas coisas pelas quais não se pode alcançar a sabedoria”.¹³

Epicuro ficou algum tempo em Teos, depois retornou a Atenas no ano de Anaxicratos¹⁴.

⁵ Samos havia se tornado uma área agrícola, ver: TAYLOR, 1911, p.7.

⁶ FARRINGTON, 1967, p. 4-5.

⁷ FARRINGTON, 1967, p. 4-5.

⁸ FARRINGTON, 1967, p. 5.

⁹ FARRINGTON, 1967, p. 5.

¹⁰ FARRINGTON, 1967, p. 6.

¹¹ FARRINGTON, 1967, p. 6.

¹² FARRINGTON, 1967, p. 7.

¹³ FARRINGTON, 1967, p. 7.

¹⁴ TAYLOR, 1911, p. 7.

1.1.2 O jardim

Epicuro também residiu por um período de tempo em Mytilene (Lesbos) e em Lampsacus¹⁵. Mas entre os anos 307 e 305 retorna novamente para Atenas¹⁶. Ele comprou uma casa com um grande jardim murado, onde ensinou e pode formar com seus seguidores uma comunidade¹⁷. Sua escola ficou conhecida pelo nome do Jardim - Kêpos¹⁸. O filósofo do jardim ficou em Atenas até sua morte em 271, aos 72 anos de idade¹⁹.

1.1.3 Obra

Acredita-se que a produção literária de Epicuro tenha sido volumosa.²⁰ Mas infelizmente não chegou até nós a maior parte de seus textos. Sobraram apenas fragmentos dispersos preservados em citações de autores posteriores. No entanto, possuímos duas cartas indubitavelmente genuínas da sua autoria, uma que foi endereçada a Heródoto, que discorria sobre os princípios gerais do atomismo, e outra destinada a Meneceu que continha um resumo do seu ensino ético, ambos os documentos estão inseridos em Diógenes²¹.

1.1.4 Esquecimento

Após a sua morte, suas ideias continuaram a florescer como um movimento filosófico²². Comunidades de epicuristas surgiram em todo o mundo helenístico, e celebrações foram realizadas em sua memória²³. Mas à medida que a igreja se tornava mais poderosa e dogmática, acabou entrando em conflito com

¹⁵ BERGSMA, 2008, p. 399-400.

¹⁶ BERGSMA, 2008, p. 399-400.

¹⁷ BERGSMA, 2008, p. 399-400.

¹⁸ BERGSMA, 2008, p. 399-400.

¹⁹ BERGSMA, 2008, p. 399-400.

²⁰ BERGSMA, 2008, p. 399-400.

²¹ TAYLOR, 1911, p. 25.

²² BERGSMA, 2008, p. 399-400.

²³ BERGSMA, 2008, p. 399-400.

o ensino de Epicuro²⁴. Por essa razão, em meados do quarto século, o pensamento epicurista já havia caído em completo esquecimento, a ponto de o Imperador Juliano (360-363 d.C.) se vangloriar do fato de que quase todos os livros de Epicuro não estavam mais em circulação²⁵. E, como comentou Taylor²⁶ “no final desse século, Agostinho declarou que mesmo nas escolas pagãs de retórica, as opiniões de Epicuro haviam sido esquecidas”. Porém, no Renascimento um interesse sério no epicurismo foi revivido²⁷.

1.1.5 Filosofia

A característica distintiva do pensamento filosófico de Epicuro era que visava a um fim exclusivamente prático²⁸. Daí sua escola ser nomeada como a dos pragmatistas da antiguidade: Epicuro costumava dizer que a filosofia é uma atividade que por meio do raciocínio e discussão produz uma vida feliz²⁹. Ele também dizia que não devemos fazer uma mera pretensão da filosofia, mas ser verdadeiros filósofos: “o discurso dos filósofos pelos quais nenhuma das nossas paixões é curada é apenas ocioso”³⁰. Talvez por isso ele tenha desprezado a história, a matemática e o cultivo literário com base no fato de que eles não agem sobre a conduta³¹. Taylor³² comentou que em um fragmento existente de uma carta, Epicuro ressaltou com grande explosão de linguagem “(...) navegue e fuja de toda a ‘cultura’; e, em outro, ‘felicito-o por ter chegado à filosofia sem mácula por qualquer cultura’”³³.

Segundo Taylor³⁴, a única ciência a que Epicuro atribuiu valor foi a física (a teoria geral da constituição do universo). E, ele valorizou essa ciência

²⁴ TAYLOR, 1911, p. 34.

²⁵ TAYLOR, 1911, p. 34.

²⁶ TAYLOR, 1911, p. 34.

²⁷ BERGSMA, 2008, p. 399-400.

²⁸ TAYLOR, 1911, p. 35-36.

²⁹ TAYLOR, 1911, p. 35-36.

³⁰ TAYLOR, 1911, p. 35-36.

³¹ TAYLOR, 1911, p. 35-36.

³² TAYLOR, 1911, p. 35-36.

³³ TAYLOR, 1911, p. 35-36.

³⁴ TAYLOR, 1911, p. 36.

simplesmente por seu efeito moral³⁵. Em outras palavras, a física libertaria de toda crença na ação de Deus ou dos deuses, e assim livraria os homens do pavor dos julgamentos divinos, e do esforço ansioso para ganhar seu favor³⁶.

Epicuro rejeitou toda a ciência especulativa e sinalizou como inútil a lógica silogística da Academia e de Aristóteles³⁷. Das três divisões da Filosofia como fixadas por Xenócrates, a Lógica, a Física e a Ética: as doutrinas do discurso, da natureza, da conduta, Epicuro dispensou totalmente a primeira, e reteve a segunda simplesmente como uma introdução necessária à terceira³⁸. Ele confinou a lógica à epistemologia - kanônika - que permitia distinguir proposições verdadeiras das falsas³⁹. Para o filósofo, o principal critério da verdade vinha dos sentidos. Podia-se obter conhecimento através deles desde que usados adequadamente⁴⁰. Mas os sentimentos - pânthe - também forneciam critérios para a verdade, serviam como critérios para valores⁴¹. Ele também identificou a *prolépsis* como critério⁴²: “uma compreensão genérica instintivamente adquirida de sua natureza”. Essa compreensão genérica incluía: Deus, seres humanos e corpo⁴³.

A física epicurista estava baseada nas evidências das experiências sensoriais e nas concepções genéricas naturais⁴⁴. Ela era materialista e mecanicista. Bergsma⁴⁵ argumentou que Epicuro se apropriou de grande parte da mecânica de seu antecessor, o atomista Demócrito, mas introduziu um elemento de espontaneidade. Ainda segundo Bergsma⁴⁶, Epicuro acreditava que os constituintes básicos do mundo eram átomos em movimento no vazio e que os objetos comuns são conglomerados desses átomos. Desse modo, as propriedades dos corpos macroscópicos e todos os eventos que vemos podem ser explicados em termos de

³⁵ TAYLOR, 1911, p. 36.

³⁶ TAYLOR, 1911, p. 36-37.

³⁷ TAYLOR, 1911, p. 37-38.

³⁸ TAYLOR, 1911, p. 37-38.

³⁹ BERGSMA, 2008, p. 399-400.

⁴⁰ BERGSMA, 2008, p. 399-400.

⁴¹ BERGSMA, 2008, p. 400.

⁴² BERGSMA, 2008, p. 400.

⁴³ BERGSMA, 2008, p. 400.

⁴⁴ BERGSMA, 2008, p. 400.

⁴⁵ BERGSMA, 2008, p. 400.

⁴⁶ BERGSMA, 2008, p. 400.

coalizões, repercussão e emaranhamento de átomos⁴⁷. As ideias de Epicuro sobre ética foram baseadas em sua visão da física e da lógica: “no domínio da ética, devemos confiar em nossos sentimentos de prazer e dor. Prazer- hêdone - é a única coisa que é intrinsecamente valiosa e deve ser considerada como o principal critério para todas as ações”⁴⁸.

Bergsma⁴⁹ argumentou que para Epicuro o prazer e a dor são conjuntamente exaustivos: a ausência de dor é em si mesma um prazer. Isso implica que não há estado intermediário, pois só precisamos sentir prazer quando estamos com dor e, quando não estamos com dor, não precisamos mais de prazer⁵⁰. “E, é por isso, que se diz que o prazer é o ponto de partida e o objetivo de vivermos felizes”⁵¹.

Para o filósofo do jardim, a liberdade da dor é em si mesma um estado agradável porque consiste na falta de dor no corpo - aponia. A ausência de dor no corpo e de distúrbios na alma produzia um estado que Epicuro chamava de ataraxia⁵². Essa condição era também chamada de prazer estático, porque se pensava que ela surgia da estrutura atômica estável de nossas almas⁵³.

Benjamin Farrington⁵⁴ comentou que apesar de Epicuro ter escrito trinta e sete livros sobre física, ele não era um cientista original. Seu objetivo com a filosofia natural era dissipar a aflição da mente que a ignorância dos deuses, a ignorância da natureza, e a ignorância da alma podiam produzir⁵⁵.

1.1.6 Sobre o prazer

Para Epicuro a busca do luxo não aumentava o prazer⁵⁶. O que ela pode fazer é aumentar os desejos levando a pessoa a se tornar dependente e mais

⁴⁷ BERGSMA, 2008, p. 400.

⁴⁸ BERGSMA, 2008, p. 400.

⁴⁹ BERGSMA, 2008, p. 400.

⁵⁰ BERGSMA, 2008, p. 400.

⁵¹ BERGSMA, 2008, p. 400.

⁵² BERGSMA, 2008, p. 400.

⁵³ BERGSMA, 2008, p. 400.

⁵⁴ FARRINGTON, 1967, p. 93.

⁵⁵ FARRINGTON, 1967, p. 93.

⁵⁶ BERGSMA, 2008, p. 400.

vulnerável aos caprichos da fortuna⁵⁷. Daí o filósofo ensinar que às vezes é preciso ignorar prazeres menores para se poder obter um prazer maior⁵⁸. E, nesse caso, é preciso calcular os papéis relativos dos prazeres corporais e mentais, estáticos e cinéticos⁵⁹.

Epicuro era um asceta irrepreensível que ensinava que prazer genuíno não era o prazer dos libertinos, mas sim a simples satisfação de uma mente e de um corpo em paz⁶⁰. Por isso, para ele a filosofia não devia ser perseguida como um conhecimento por si só, mas para trazer a paz da mente e do corpo⁶¹.

2 A PROLÉPSIS - ΠΡΟΛΗΨΕΙΣ

Na famosa carta sobre a felicidade emerge uma inquietante *prolépsis*: “θεοὶ μὲν γὰρ εἰσὶν” – “pois certamente os deuses existem”⁶². Essa afirmação do conhecimento prévio acerca da existência dos deuses feita pelo filósofo de Samos costuma ser ignorada, e às vezes, nem sequer é percebida por alguns de seus leitores. Mas o que podemos inferir dessa declaração? Podemos dizer que a locução θεοὶ εἰσὶν – os deuses existem deve ser tomada como uma confissão da crença de Epicuro? Não, ele não poderia ir tão longe, não tinha fé para tanto. Na verdade, sua opinião acerca da divindade destoava daquela sustentada pela

⁵⁷ BERGSMA, 2008, p. 400.

⁵⁸ BERGSMA, 2008, p. 400.

⁵⁹ BERGSMA, 2008, p. 400.

⁶⁰ BERGSMA, 2008, p. 400-401.

⁶¹ BERGSMA, 2008, p. 403.

⁶² O texto interlinear da carta de Epicuro sobre a felicidade em Grego/inglês se encontra em: SAINT-ANDRE, Peter. **Letter to Menoikos**. (Monadnock.net), 2011. Disponível em: <http://monadnock.net/epicurus/letter.html#n0>. Acesso em: 07 jan. 2019. Há também uma tradução para o inglês, ver: HICKS, Robert Drew. **Letter to Menoecus – how to live a Happy (Eudaimon) life by Epicurus**. Disponível em: http://www.epicuros.gr/pages/en_texts_L_MENOIKEAS.htm. Acesso em: 07 jan. 2019. Em português temos uma excelente tradução do texto grego, a saber: LORENCINI, Álvaro; CARROTORE, Enzo Del. **EPICURO: Carta sobre a Felicidade**. São Paulo: Editora UNESP, 2002. Embora exista uma discussão robusta sobre o que *prolépsis* significa na semântica epicurista, para Cícero esse termo foi criado por Epicuro para descrever a imortalidade e bem-aventurança dos deuses, ver: GLIDDEN, David. **Epicurean Prolepsis**. Binghamton University. Disponível em: <https://orb.binghamton.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=1108&context=sagp>. Acesso em: 01 jan. 2019.

maioria dos homens religiosos do seu tempo, como veremos a seguir.

2.1 Sua teologia

Epicuro deve ter escandalizado a muitos ao dizer que os deuses não se preocupavam com o gênero humano. E, em certos momentos deve tê-los feito sorrir com declarações que eram tão óbvias como, por exemplo, “os deuses são felizes, imortais, indestrutíveis e abençoados”⁶³. Sua opinião sobre a morte também deve ter soado como uma heresia. Ele costumava dizer que a morte não representava nada para os seres humanos, pois “todo bem e mal consistia na experiência sensorial e a morte é a privação dessa experiência”⁶⁴. Quando uma pessoa morre: “sua alma deixava de existir, porque era composta de átomos suaves que são dispersos se o corpo não os mantém unidos”⁶⁵. Para Epicuro quando alguém está morto não pode lidar com a morte, e quando está vivo não precisa se preocupar com ela, já que a morte ainda não está presente⁶⁶. “Não há vida após a morte: (...) A morte não é relevante nem para os vivos nem para os mortos, pois não afeta ao primeiro e o segundo não existe”⁶⁷.

2.2 Não existe providência

Epicuro não acreditava na providência divina. Para ele os deuses estão em estado de beatitude e se ocupam apenas com a continuação da própria felicidade deles⁶⁸. Portanto, quando ele fala em aceitar “o mito dos deuses” – “θεῶν μύθος” o faz tão somente em relação à crença no destino, pois para ele era melhor acreditar nos deuses do que no destino:

Mais vale aceitar o mito dos deuses, do que ser escravo do destino dos naturalistas: o mito pelo menos nos oferece a esperança *do perdão dos deuses através das homenagens que lhes prestamos ao passo que o destino*

⁶³ BERGSMA, 2008, p. 401.

⁶⁴ BERGSMA, 2008, p. 402.

⁶⁵ BERGSMA, 2008, p. 402.

⁶⁶ BERGSMA, 2008, p. 402.

⁶⁷ BERGSMA, 2008, p. 402.

⁶⁸ BERGSMA, 2008, p. 402.

*é uma necessidade inexorável.*⁶⁹

No entanto é importante destacar que, ao descrever – as coisas que “produzem a felicidade” – “ποιούντα τήνεύδαιμονίαν”, Epicuro incluiu ali uma discussão sobre a origem das falsas opiniões sobre os deuses. Para ele, um dos remédios contra a infelicidade era corrigir essas falsas opiniões. Vamos compreender isso melhor mais à frente, mas agora, vamos ao texto grego onde a famosa *προλήψεις* (*prolépsis*) objeto desta pesquisa emerge⁷⁰:

Primeiro, acredite que Deus é um ser imortal e feliz, como é comumente aceito. Não atribua a Deus nada que seja inconsistente com a imortalidade e a bem-aventurança; em vez disso, acredite em tudo o que pode apoiar a imortalidade e a bem-aventurança em Deus. Os deuses existem: nosso conhecimento deles é claro. No entanto, eles não são como a maioria das pessoas acredita; na verdade, a maioria das pessoas nem sequer é consistente naquilo em que acreditam. Não é ímpio negar os deuses que a maioria das pessoas acredita, mas atribuir aos deuses o que a maioria das pessoas acredita. As coisas que a maioria das pessoas diz sobre os deuses são baseadas em falsas suposições, não uma compreensão firme dos fatos, porque dizem que os maiores bens e os maiores danos vêm dos deuses. Pois desde que eles estão em casa com o que é melhor sobre si mesmos, eles aceitam aquilo que é similar e consideram estranho o que é diferente.⁷¹

⁶⁹ Para o texto grego e traduções ao inglês e português, ver: SAINT-ANDRE, Peter. **Letter to Menoikos**. (Monadnock.net), 2011. Disponível em: <http://monadnock.net/epicurus/letter.html#n0>. Acesso em: 07 jan. 2019. Ver também a: LORENCINI; CARROTORE, 2002, p. 48-49.

⁷⁰ O texto interlinear da carta de Epicuro sobre a felicidade em grego/inglês se encontra em: SAINT-ANDRE, Peter. **Letter to Menoikos**. (Monadnock.net), 2011. Disponível em: <http://monadnock.net/epicurus/letter.html#n0>. Acesso em: 07 jan. 2019.

⁷¹ Tradução livre e adaptada, ver: SAINT-ANDRE, Peter. **Letter to Menoikos**. (Monadnock.net), 2011. Disponível em: <http://monadnock.net/epicurus/letter.html#n0>. Acesso em: 07 jan. 2019. “*πρῶτον μὲν τὸν θεὸν ζῶον ἀφθαρτον καὶ μακάριον νομίζω, ὡς ἡ κοινὴ τοῦ θεοῦ νόησις ὑπεγράφη, μὴθὲν μῆτε τῆς ἀφθαρσίας ἀλλότριον μῆτε τῆς μακαριότητος ἀνοικεῖον αὐτῷ πρόσαιπε πᾶν δὲ τὸ φυλάττει αὐτοῦ δυνάμενον τὴν μετὰ ἀφθαρσίας μακαριότητα περὶ αὐτὸν δόξαζε. θεοὶ μὲν γὰρ εἰσὶν ἐναργεῖς γὰρ αὐτῶν ἐστὶν ἢ γνῶσις οἴους δ’ αὐτοὺς <οἱ> πολλοὶ νομίζουσιν, οὐκ εἰσὶν οὐ γὰρ φυλάττουσιν αὐτοὺς οἴους νομίζουσιν. ἀσεβῆς δὲ οὐχ ὁ τοὺς τῶν πολλῶν θεοὺς ἀναιρῶν, ἀλλ’ ὁ τὰς τῶν πολλῶν δόξας θεοῖς προσάπτων. οὐ γὰρ προλήψεις εἰσὶν ἀλλ’ ὑπολήψεις ψευδεῖς αἱ τῶν πολλῶν ὑπὲρ θεῶν ἀποφάσεις. ἔνθεν αἱ μέγισται βλάβαι ἐκ θεῶν ἐπάγονται καὶ ὠφέλεια. ταῖς γὰρ ἰδίαις οἰκειούμενοι διὰ παντὸς ἀρεταῖς τοὺς ὁμοίους ἀποδέχονται, πᾶν τὸ μὴ τοιοῦτον ὡς ἀλλότριον νομίζοντες.”*

Mas por que o filósofo resolve tratar das falsas opiniões sobre os deuses em uma correspondência cujo objetivo é apontar os caminhos para a felicidade? A resposta será dada a seguir.

2.3 Deus não pode ser ignorado

Deus tem sempre lugar na vida das pessoas, isso é verdadeiro para aqueles que o confessam e para aqueles que o negam. Assim, qualquer que seja o lado aqui, Deus precisa ser enfrentado. Além disso, os conceitos de culpa e condenação estão sempre presentes no inconsciente coletivo. Epicuro sabia muito bem disso. Por essa razão, não pode deixar de tratar de certas concepções teológicas que poderiam colocar em risco seu programa sobre a felicidade. Para não ver comprometido seu projeto, Epicuro procurou explicar que os deuses não interferem na vida dos homens. Também se esforçou para ensinar que não existe vida após a morte, tencionado assim eliminar o temor de um juízo divino e de uma condenação eterna. Assim, por um breve momento o filósofo materialista teve que se voltar para questões de natureza metafísica e teológica.

2.4 A falsa teologia

Falsas ideias sobre Deus podem realmente produzir tormento mental e espiritual no ser humano. E, em um estado assim, quem pode ser feliz? Para Epicuro, o caminho em direção à felicidade passava pela demolição dessas falsas ideias. Mas, sua motivação aqui foi materialista, e, não necessariamente teológica. Ele desejava remover todos os obstáculos do caminho do seu programa sobre a felicidade. Seu materialismo não deixou nenhum espaço para o espiritual. Ele reduziu toda experiência humana ao aparelho sensorial “todo bem e mal consiste na experiência sensorial”⁷². Para ele isso era importante, pois conseguiria destruir os conceitos religiosos de culpa e punição, obstáculos, segundo seu ponto de vista, para a felicidade humana⁷³. John Fredy Castaño comentou sobre isso:

A culpa estava localizada naquele corpus de crenças míticas e teológicas

⁷² BERGSMA, 2008, p. 402.

⁷³ CASTAÑO, John Fredy Lenis. Ética del placer. Culpa y felicidad en Epicuro. In: **Praxis Filosófica** Nueva serie, nº 42, Jan.-Jun./2016, p. 159.

que atribuíam aos deuses às funções de punição ou recompensa, tornando-se parte de uma linguagem de alienação de consciência, bem como em um dos primeiros e mais importantes controladores ideológicos da vida individual e coletiva.⁷⁴

Uma vez superada essa linguagem de alienação, Epicuro poderia propor um mundo sem punição, sem culpa, mas não sem justiça⁷⁵.

3 A VIDA BEM-AVENTURADA

Como vimos, para Epicuro, a remoção do medo da punição eterna e da culpa tornava possível uma “vida bem-aventurada” – “μακαρίως ζῆν”. Mas, o caminho em direção a essa conquista exigia que o homem refletisse cuidadosamente sobre as causas de todas as suas escolhas, e, em seguida, deveria se livrar de todas as opiniões falsas responsáveis em causar perturbações sobre o seu espírito⁷⁶. A remoção dessas falsas opiniões incluía o que era dito acerca dos deuses. As escolhas envolviam a aceitação das quatro (tetrapharmakon) verdades básicas do epicurismo:

Não tenha medo dos deuses
 Não se preocupe com a morte
 O que é bom é fácil de obter
 O que é terrível é fácil de suportar⁷⁷

3.1 Sabedoria prática

No programa filosófico de Epicuro, a liberdade individual alcançou seu clímax e a “prudência”- “φρόνησις” foi eleita como a primeira e melhor das virtudes, mais importante inclusive do que a própria filosofia “τούτων δὲ πάντων ἀρχὴ καὶ τὸ μέγιστον ἀγαθὸν φρόνησις. διὸ καὶ φιλοσοφίας τιμιώτερον ὑπάρχει

⁷⁴ CASTAÑO, 2016, p. 160.

⁷⁵ CASTAÑO, 2016, p. 160-161.

⁷⁶ Tradução livre e adaptada, ver: SAINT-ANDRE, Peter. **Letter to Menoikos**. (Monadnock.net), 2011. Disponível em: <http://monadnock.net/epicurus/letter.html#n0>. Acesso em: 07 jan. 2019.

⁷⁷ BERGSMA, 2008, p. 401.

φρόνησις”. Para o filósofo do jardim a sabedoria prática era a responsável pela felicidade⁷⁸. Mas o que era essa felicidade pregada por Epicuro?

3.2 A felicidade

Desde os primeiros filósofos gregos até os estudiosos da atualidade tem havido muitas discussões acerca da natureza da felicidade. No entanto, poucos trabalhos empíricos examinaram seu significado⁷⁹. Mas “dada a energia que os humanos investem na busca da felicidade o significado desta merecia uma investigação científica mais profunda”⁸⁰. A partir dos filósofos gregos e de pesquisas atuais podemos ter uma noção do significado da felicidade, como veremos a seguir.

3.2.1 Εὐδαιμονία

O substantivo feminino grego εὐδαιμονία é geralmente traduzido em português por felicidade, que não é tão ruim⁸¹. No entanto, literalmente essa palavra significa bom demônio – vem de εὖ, bom e δαιμον, demônio. Mas é claro que tem sido usada em um sentido mais amplo⁸². É um termo abrangente para

⁷⁸ Peter Saint-Andre traduziu φρόνησις como sabedoria prática, ver: SAINT-ANDRE, Peter. **Letter to Menoikos**. (Monadnock.net), 2011. Disponível em: <http://monadnock.net/epicurus/letter.html#n0>. Acesso em: 07 jan. 2019. Outros traduziram φρόνησις como prudência, ver: LORENCINI; CARROTORE, 2002, p. 44-45. No entanto, no Novo Testamento φρόνησις pode aparecer tanto como sabedoria prática quanto prudência, na verdade esses dois termos podem ser considerados sinônimos, ver: ROBINSON, Edward. **Léxico Grego do Novo Testamento**. Rio de Janeiro: CPAD, 2012, p. 967-968.

⁷⁹ KAMVAR, Sep; MOGILNER, Cassie; AAKER, Jennifer. The meaning(s) of Happiness. In: **Research Paper Series** – Stanford – Graduate School of Business (Research Paper n°. 2026), 2009. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/46479630_The_Meanings_of_Happiness. Acesso em: 03 jan. 2019.

⁸⁰ KAMVAR; MOGILNER; AAKER, 2009.

⁸¹ Para uma perspectiva mais profunda da visão aristotélica sobre a felicidade, recomendamos: ARAYA, Oscar Godoy. La felicidad Aristotélica: pasado y presente. In: **Estudios Públicos**. 1995. Um ótimo texto explicativo sobre o significado de felicidade desde Aristóteles até autores mais modernos é: HAYBRON, Daniel M. Two Philosophical problems in the study of happiness. In: **Journal of Happiness Studies**, Fev./ 2000.

⁸² ARISTÓTELES. **Ética a Nicômacos**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1985, p. 13.

tudo o que é bom. E, nesse caso é frequentemente usado de forma intercambiável com termos como bem-estar ou qualidade de vida, e denota tanto o bem-estar individual quanto social⁸³.

Todavia, como já antecipamos, desde os primeiros filósofos gregos tem havido muitas divergências quanto à definição do significado desse termo⁸⁴. Para Jack J Bauer⁸⁵ em Aristóteles εὐδαιμονία consistia basicamente em prazer e virtude. Ainda segundo esse autor, os psicólogos reenquadraram a fórmula de Aristóteles sobre a felicidade em termos de prazer e significado psicossocial, o que ficou conhecido como bem-estar eudaimônico⁸⁶: “às vezes, o ‘bem-estar eudaimônico’ e ‘a boa vida’ são equacionados, e às vezes não são, mas em ambos os casos, os dois compartilham uma relação próxima”. O bem-estar eudaimônico já foi contrastado com o bem-estar hedônico⁸⁷. De fato, esse último envolve principalmente o prazer, tende a ser mais individualista⁸⁸. É importante destacar que quando Epicuro falava sobre felicidade, pensava em algo como “a ausência de sofrimento no corpo e de perturbações na alma” – “ἀλγεῖν κατὰσῶμα μήτε ταράττεσθαι κατὰψυχήν”⁸⁹.

Os estudiosos da atualidade costumam dizer que condições subjetivas e objetivas como, por exemplo, a saúde física e o dinheiro trabalham a favor e contra a felicidade de inúmeras maneiras⁹⁰. Algumas pesquisas também afirmaram que o significado da felicidade muda à medida que as pessoas envelhecem⁹¹. Pessoas mais jovens associam a felicidade a excitação, enquanto as mais velhas associam a sensação de paz⁹². Mas em uma mesma sociedade, a concepção de felicidade

⁸³ VEENHOVEN, Ruut. **Concept of Happiness**. Disponível em: <https://worlddatabaseofhappiness.eur.nl/hap_quer/introtext_measures2.pdf>. Acesso em: 11 jan. 2019.

⁸⁴ ARISTÓTELES. **Ética a Nicômacos**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1985, p. 3.

⁸⁵ BAUER, Jack J.; MCADAMS, Dan P.; PALS, Jennifer L. Narrative identity and eudaimonic well-being. In: **Journal of Happiness Studies**, Jan./2008, p. 82.

⁸⁶ BAUER; MCADAMS; PALS, 2008, p. 82.

⁸⁷ BAUER; MCADAMS; PALS, 2008, p. 82.

⁸⁸ BAUER; MCADAMS; PALS, 2008, p. 82.

⁸⁹ LORENCINI; CARROTORE, 2002, p. 42.

⁹⁰ BAUER; MCADAMS; PALS, 2008. p. 81.

⁹¹ KAMVAR; MOGILNER; AAKER, 2009.

⁹² Um experimento, feito com jovens e adultos parece confirmar isso, ver: KAMVAR;

muda de acordo com a classe social: uma pessoa da classe média baixa pode ter uma ideia de felicidade, enquanto um cidadão da classe média alta, outra⁹³.

CONCLUSÃO

Nesta pesquisa buscou-se alcançar o significado da frase “θεοὶ μὲν γὰρ εἰσὶν” no contexto da chamada carta sobre a felicidade de Epicuro. À medida que essa busca se aprofundou foi possível perceber que o sucesso do programa apresentado por Epicuro dependia da desconstrução de alguns conceitos religiosos vigentes em seus dias. Pois esses conceitos tinham o potencial para produzir desassossego psicológico e criar obstáculos em direção a experimentação de uma vida bem-aventurada. É nessa conjuntura que a frase “θεοὶ μὲν γὰρ εἰσὶν” deve ser entendida: ela funcionou como um artifício retórico a partir do qual Epicuro iniciou a demolição desses conceitos religiosos. E, o filósofo foi muito habilidoso aqui. Ele procurou demonstrar que os deuses não se interessam, nem se ocupam com os dilemas humanos, e, portanto, não podem ser responsáveis pela felicidade ou infelicidade de qualquer pessoa. Igualmente, defendeu que a morte é o fim de toda experiência sensível, e, assim, os homens não precisavam temer um juízo ou uma condenação além-túmulo. Vencidos esses conceitos, Epicuro buscou enfatizar que o sucesso ou o fracasso dependia tão somente do modo de vida de cada um. Nesse momento, exaltou a liberdade individual e argumentou que uma vida dirigida pela prudência teria chances reais de encontrar a felicidade⁹⁴. O filósofo acreditava que, se libertado da linguagem de alienação, o homem poderia trabalhar na construção da sua felicidade livre de perturbações em sua alma.

MOGILNER; AAKER, 2009.

⁹³ MARGOT, Jean Paul. La Felicidad. In: **Praxis Filosófica**, nº 25, 2007, p. 58.

⁹⁴ Mas, o programa de Epicuro poderia ter dado certo? Bergsma comparou os conselhos de Epicuro sobre a felicidade (adaptado à situação do tempo do filósofo) com as condições de felicidades observadas pela sociedade atual. Nessa comparação, o autor destacou algumas falhas no programa oferecido pelo filósofo como, por exemplo, a criação de uma comunidade onde a liberdade de escolha de seus membros era limitada. Bergsma ainda ressaltou que para que seja constatada a felicidade é preciso haver uma avaliação positiva da vida como um todo, mas quando essa vida se passa em uma comunidade, como aquela em que Epicuro vivia com seus discípulos, essa avaliação se tornar impossível. Cf., BERGSMA, 2008, p. 406-407.

REFERÊNCIAS

- ARCAYA, Oscar Godoy. La felicidad Aristotélica: pasado y presente. In: **Estudios Públicos**. 1995.
- ARISTÓTELES. **Ética a Nicômacos**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1985.
- BERGSMAN, Ad. Happiness in the Garden of Epicurus. In: **Journal Happiness Studies**. Fev./2008.
- CASTAÑO, John Fredy Lenis. Ética del placer. Culpa y felicidad en Epicuro. In: **Praxis Filosófica** Nueva serie, No. 42, Jan.-Jun./2016.
- FARRINGTON, Benjamin. **The Faith of Epicurus**. New York: Basic Books, INC., Publishers, 1967.
- GLIDDEN, David. **Epicurean Prolepsis**. Binghamton University. Disponível em: <https://orb.binghamton.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=1108&context=sagp>. Acesso em: 01 jan. 2019.
- HAYBRON, Daniel M. Two Philosophical problems in the study of happiness. In: **Journal of Happiness Studies**, Fev./ 2000.
- HICKS, Robert Drew. **Letter to Menoecus** – how to live a Happy (Eudaimon) life by Epicurus. Disponível em: http://www.epicuros.gr/pages/en_texts_L_MENOIKEAS.htm. Acesso em: 07 jan. 2019.
- KAMVAR, Sep; MOGILNER, Cassie; AAKER, Jennifer. The meaning(s) of Happiness. In: **Research Paper Series** – Stanford – Graduate School of Business (Research Paper n°. 2026), 2009. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/46479630_The_Meanings_of_Happiness. Acesso em: 03 jan. 2019.
- LORENCINI, Álvaro; CARROTORE, Enzo Del. **EPICURO: Carta sobre a Felicidade**. São Paulo: Editora UNESP, 2002.
- MARGOT, Jean Paul. La Felicidad. In: **Praxis Filosófica**, n° 25, 2007.
- ROBINSON, Edward. **Léxico Grego do Novo Testamento**. Rio de Janeiro: CPAD, 2012.
- SAINT-ANDRE, Peter. **Letter to Menoikos**. (Monadnock.net), 2011. Disponível em: <http://monadnock.net/epicurus/letter.html#n0>. Acesso em: 07 jan. 2019.
- TAYLOR, A. E. **Epicurus**. London: Constable & Company LTD, 1911.
- VEENHOVEN, Ruut. **Concept of Happiness**. Disponível em: https://worlddatabaseofhappiness.eur.nl/hap_quer/introtext_measures2.pdf. Acesso em: 11 jan. 2019.